

Carolina Brito Ramos Grilo

O povoado pré-histórico do Alto do Outeiro foi identificado em Fevereiro de 2005 e intervenção no contexto de trabalhos arqueológicos de emergência entre Março e Outubro do ano transacto, permitindo observar um vasto conjunto de evidências e estruturas, na sua maioria escavadas no substrato gabrodiorítico de base, com distintas readaptações e reformulações no contexto do III e II milénios a.n.e. Os dados resultantes da intervenção arqueológica permitiram igualmente tecer algumas reflexões e análises micro-regionais sobre o território Baixo-alentejano e sobre a diversidade do seu povoamento pré-histórico.

O sítio arqueológico do Alto do Outeiro localiza-se no concelho de Beja, freguesia de Baleizão, possuindo as coordenadas M= 34155.510; P=-184477.091, correspondendo a uma elevação relativamente discreta (fig. 1 e 2), de cota média de 164m, alongada no sentido E-W, muito destruída neste último quadrante pela construção do edifício e anexos do Monte do Outeiro. A sua implantação em altura destaca-se dos terrenos adjacentes, de cotas baixas e relevos pouco ondulados, dominando o vale aberto da Ribeira da Cardeira e as suas linhas de água subsidiárias.

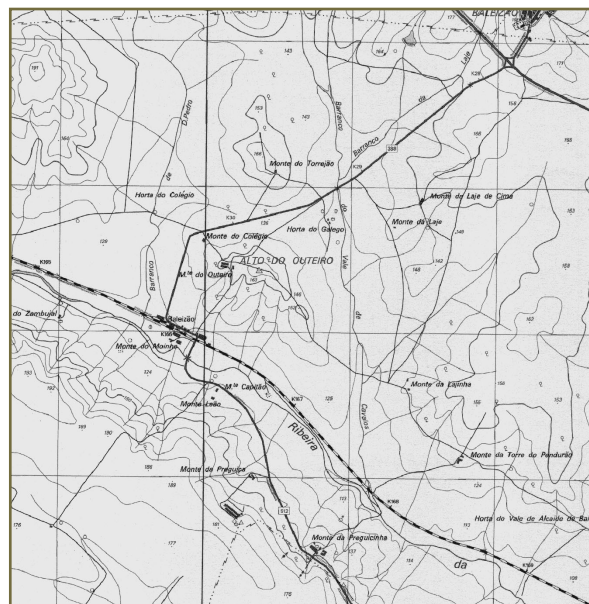


Fig. 1 – Localização do sítio arqueológico do Alto do Outeiro

1 - Coordenadas indicadas ao ponto central do local, o marco geodésico do Alto do Outeiro.

A sua situação privilegiada de amplo controlo visual sobre a peneplanície e para com outros sítios arqueológicos documentados deste período², estará intimamente relacionada com as qualidades pedológicas dos terrenos envolventes, integrados nos designados “barros de Beja”, com argilas caulínicas e montmorelénicas de classes A e B³, integrando solos extremamente férteis e espessos.

A nível geológico, o local está integrado na região dos designados “gabros de Beja”, uma unidade metamórfica onde se incluem rochas heterogéneas, granitos, gabrodioritos, pórfiros ou granófiros, onde predominam os calíços, resultantes da sua decomposição que correspondem no terreno a manchas nodulares brancas e vermelhas, muito argilosas e desagregadas⁴.

2 – Metodologia

Em função da natureza da intervenção que fixava a implanta-

ção de um sistema de rega em profundidade e da parca potência estratigráfica entre o solo actual e o substrato rochoso de base (cerca de 5 a 20 cm) foi efectuada uma decapagem prévia do terreno por meios mecânicos, procedendo-se à posterior escavação arqueológica das áreas onde foram detectadas distintas estruturas e interfaces negativos, reparadas por dois sectores de intervenção (fig 2).

2.1 – Sector A

O sector A correspondeu à plataforma central do sítio arqueológico, onde foram identificadas seis “fossas”, com plantas, dimensões e secções diferenciadas, repartidas por 5 sondagens.

A sua dispersão obedeceu a uma distribuição definida entre o topo e a zona central da elevação, onde se concentravam três destas estruturas e os seus limites norte e sul associados ao arranque das vertentes, ocorrendo de forma isolada no limite sul e num conjunto de duas fossas associadas ao limite norte.

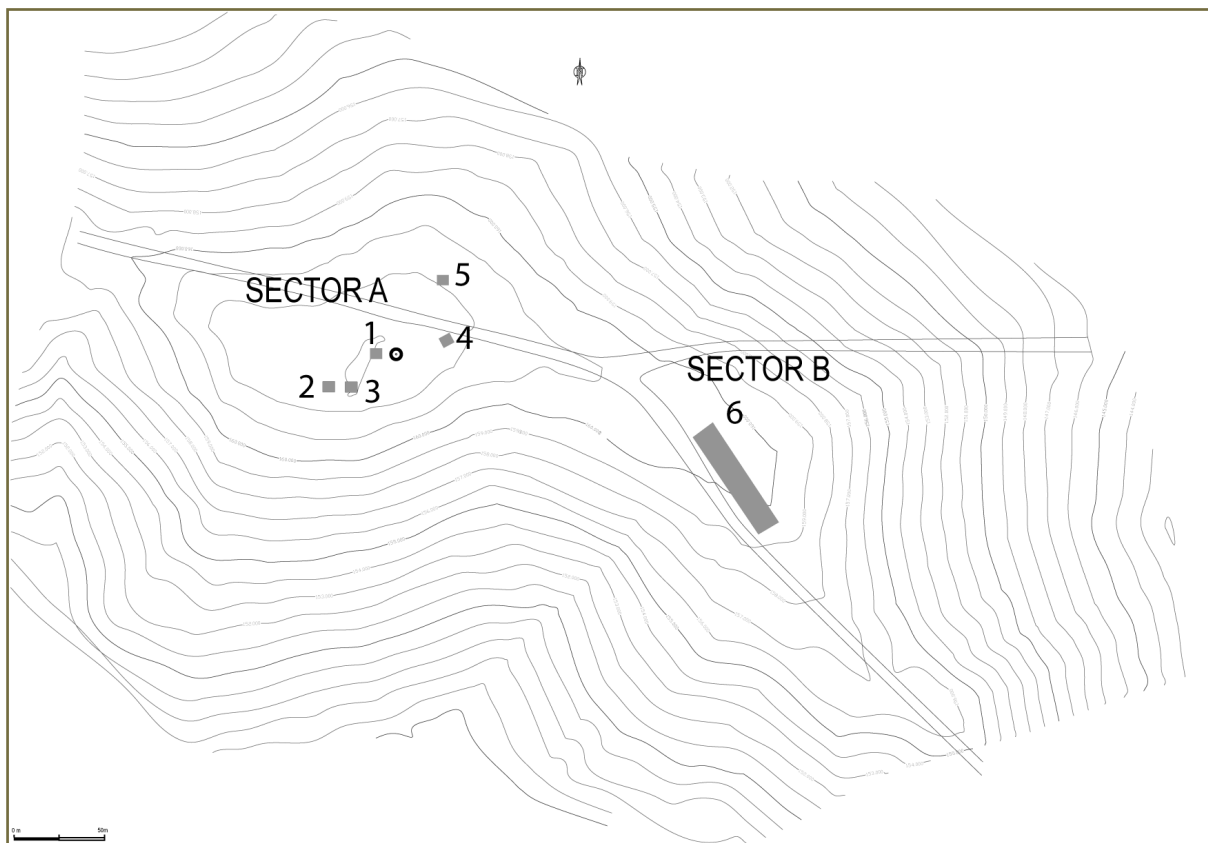


Fig. 2 – Alto do Outeiro. Levantamento dos sectores de intervenção e sondagens efectuadas.

2 - O Alto do Outeiro possui visibilidade directa para o povoado calcolítico do Alto da Forca, na margem esquerda do Guadiana, em Serpa, onde uma intervenção de emergência permitiu identificar um conjunto de estruturas escavadas na rocha de base, interpretadas como “fossas” e um segmento de um “fosso” de secção em U. (Lopes, 1997; Lopes, Carvalho, Gomes, 1997). Recentemente, em intervenção urbana na Rua do Sembrano em Beja, foram exumados alguns exemplares de cerâmicas manuais e dois fragmentos de taças carenadas que permitem questionar sobre uma (eventual) ocupação da colina de Beja em momentos pré-históricos (Grilo, 2006).

3 - 1999, IDRha/DSRNAH/DS, Notícia explicativa da carta de solos e da carta de capacidade de uso de solos, fl 522, Lisboa.

4 - OLIVEIRA, C. coord., 1992 – Carta Geológica de Portugal, Esc. 1/200 000, Notícia Explicativa da Folha 8, Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal, pp 27-30.

5 - Esta última localizada no sector B.

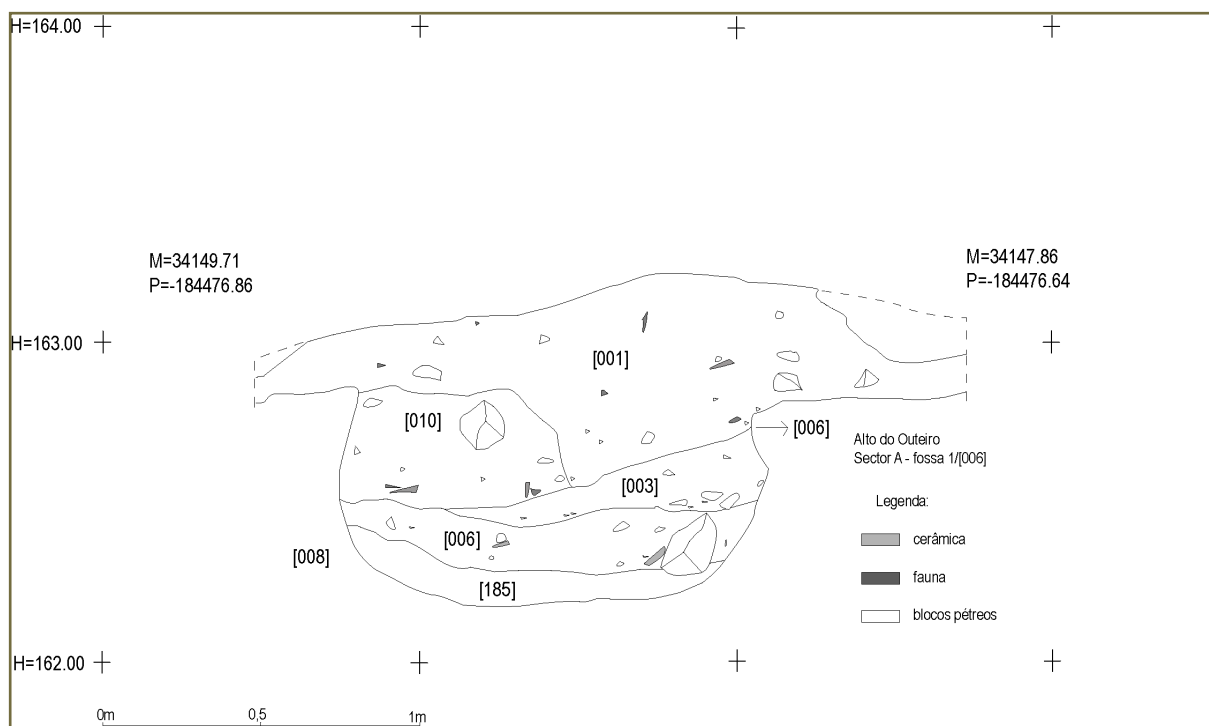


Fig. 3 – Fossa 1/[006]



Fig. 4 – Fossa 6/[182]

A variação morfológica destes interfaces, de dimensões entre 1m e 1,50m e profundidades máximas entre os 30 e os 80cm, compreendeu fossas de planta circular com fundo aplanado e secção em U, plantas sub-rectangulares, de secção côncava com fundo plano, plantas ovaladas de paredes



Fig. 5 – Fossa 3/[006]

quase rectas e fundo aplanado e fossas de planta circular, de secção alargada em saco⁵ ou acampanada.

Ao nível dos seus enchimentos salientaram-se distintos estratos de preenchimento de natureza sedimentar, com matrizes arenosas, com níveis de cinzas; sequências de enchimento únicas, e sequências de preenchimento complexas, com perturbações arqueológicas que cortavam e perturbavam os depósitos anteriores, também identificadas em locais como Papa Uvas, Huelva (Martín de la Cruz, 1985). Registaram-se ainda “fossas” cuja colmatação foi efectuada com depósitos compostos exclusivamente por elementos pétreos compactos e imbricados que efectuavam a selagem do seu interior, reconhecidas também em locais como Porto Torrão, Ferreira do Alentejo, igualmente na região baixo-alentejana (Valera, Filipe, 2002, 2004) ou em Águas Frias, Alandroal (Calado, Rocha, 2003).

2.1.1. – Espólio

O conjunto artefactual revelou a escassez do material lítico em oposição ao material cerâmico e faunístico, traduzido por um machado de secção oval em anfibolite de recolha de superfície, elementos de moagem, moventes e dormentes de granito fragmentados recolhidos no interior das "fossas" e um conjunto de pedra talhada com lascas e esquirolas em quartzo leitoso, um fragmento de lâmina retocada e uma ponta de seta de base côncava em xisto jaspóide. No que concerne ao conjunto cerâmico, apesar de muito fragmentado foram recolhidos exemplares de taças carenadas, taças, pratos, esféricos, globulares, vasos tipo saco, recipientes de paredes rectas e formas indeterminadas, abertas e fechadas.

de aplicações plásticas, mamilos alongados e horizontais. Estão igualmente presentes os pratos de bordo espessado e almendrado e outros elementos cerâmicos relacionados com actividades específicas como os pesos de tear representados por crescentes e placas rectangulares perfuradas, assim como uma total ausência de quaisquer motivos decorativos. A natureza e a exiguidade das áreas de intervenção neste sector inibiram definições funcionais particulares para este conjunto de estruturas, ainda que estas sejam claramente sugeridas pela sua relativa diversidade morfológica, associadas aos seus estratos de preenchimento, pautados por diversos conjuntos cerâmicos muito fragmentados, que permitem sugerir a sua utilização como elementos de acumulação de detritos, subsistindo igualmente exemplos de fossas

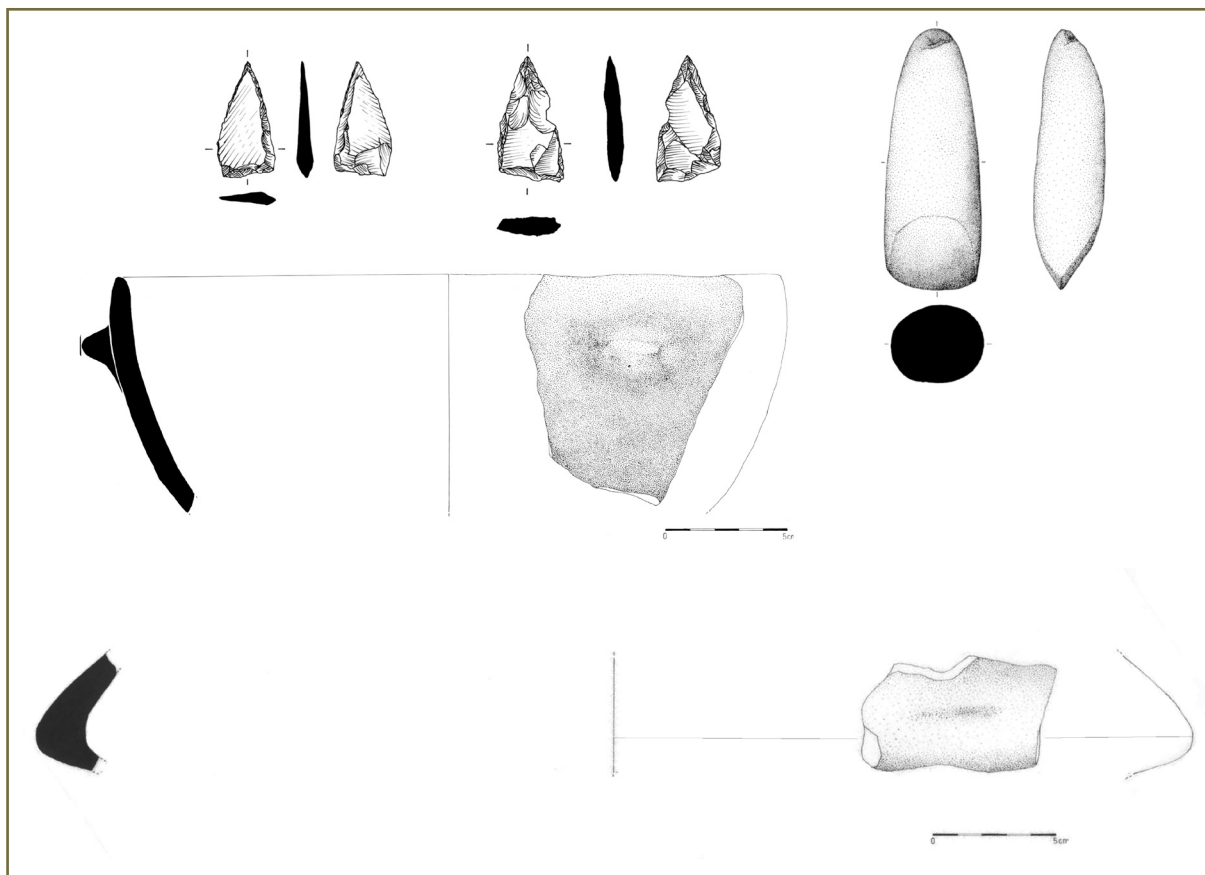


Fig. 6 – Material lítico. 1 e 2 — pontas de seta em xisto jaspóide; 3 - machado de anfibolite de secção oval; 4 – taça com aplicação plástica; 5 – taça carenada.

Apesar do cariz preliminar das observações aqui expostas face à grande colecção artefactual exumada destaca-se neste sector uma larga maioria das formas abertas, predominando as taças, com as tradicionais variantes de bordo, espessado, em cerca de 60% dos exemplares (espessado internamente em 46,67% dos fragmentos, espessado externamente e espessado interna e externamente em cerca de 6,67% exemplares) e sem espessamento do bordo, em cerca de 40% dos materiais e dos esféricos, seguidos das taças carenadas e dos vasos tipo saco, com uma expressão de cerca de 11,69% do total de formas exumadas, revelando estes últimos em cerca de 80% dos exemplares a presença

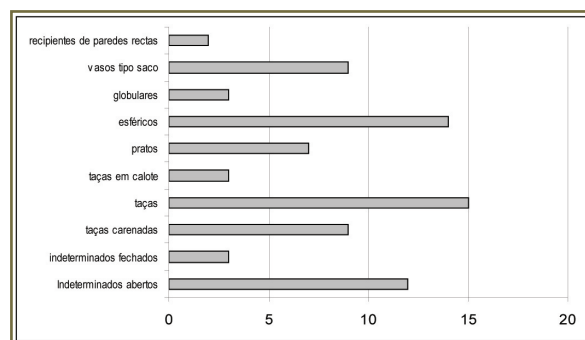


Fig 7 – Frequência dos tipos cerâmicos do sector A

associadas a possíveis silos, estruturas com evidências de reconversão funcional e depressões escavadas na rocha de base, relativamente disformes e de pouca profundidade.

2.2 – Sector B

O sector B correspondeu ao prolongamento do terraço central para este (fig.2), de cota ligeiramente inferior, cujo sistema de execução de valas obrigou a uma intervenção em área de cerca de 125m² ao longo da plataforma.



Fig. 8 – Fosso 1/[066]

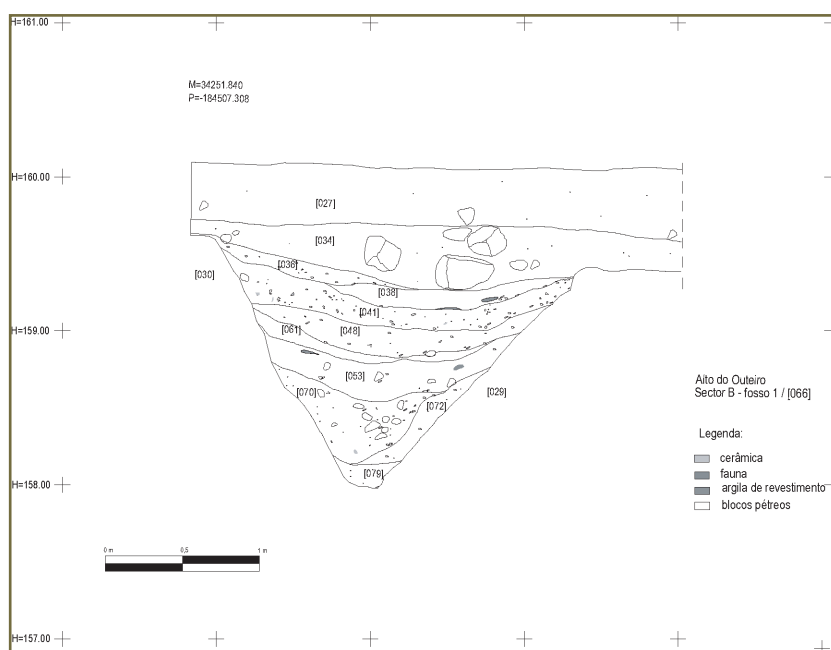


Fig. 9– Perfil NE do fosso 1/[066]

2.2.1 – Fosso 1/[066] e fossas [043] e [045]

No quadrante norte da área escavada, de alinhamento transversal à mesma, foi identificado um segmento de uma estrutura do tipo “fosso”, designado como fosso 1 (figs. 8 e 9), com uma secção em V, bem definida e escavada no calíço de base, composto com manchas argilosas avermelhadas. A suas dimensões corresponderam a cerca de 2,20m de largura na zona superior, afunilando na base, ligeiramente sinuosa com cerca de 0,10m, mais estreita junto do perfil NO, alargando no limite SE da área escavada, com cerca de 0,25m. A sua profundidade correspondia a 1,50m na face/

parede N, diminuindo na parede/face S para 1,30m, seguindo Seguiu uma orientação sensivelmente NNO–SSE, desconhecendo-se o seu comprimento e planta efectivos.

A sequência estratigráfica de enchimento do fosso 1/ [066] demonstrou a existência de diversos momentos de preenchimento e colmatação da estrutura, na sua maioria, de deposições regulares, parcialmente abauladas sobre as paredes do fosso e a sua base. Entre estes, destacaram-se no limite inferior, depósitos sedimentares de características mais arenosas, ao invés dos depósitos localizados na colmatação e topo do fosso, muito argilosos e compactados, não tendo sido observada a presença de quaisquer estruturas sobre o mesmo, dada a parca potência estratigráfica entre o solo actual e a rocha de base (cerca de 30 cms).

2.2.1.1. - Espólio

O conjunto artefactual recolhido no fosso 1 revelou claras similitudes com os espólios obtidos no sector A, composto por fauna mamalógica em boas condições de preservação, pela forte escassez dos conjuntos líticos, destacando-se contudo a forte presença dos pratos de bordo espessado e de bordo almendrado, apresentando exemplares com polimento e decoração por brunimento (fig. 10).

A sudeste do fosso 1, foram identificadas duas estruturas do tipo “fossa”, de contornos circulares [043] e ovais [045] e profundidade similar, com cerca de 15 a 20 cm (fig..

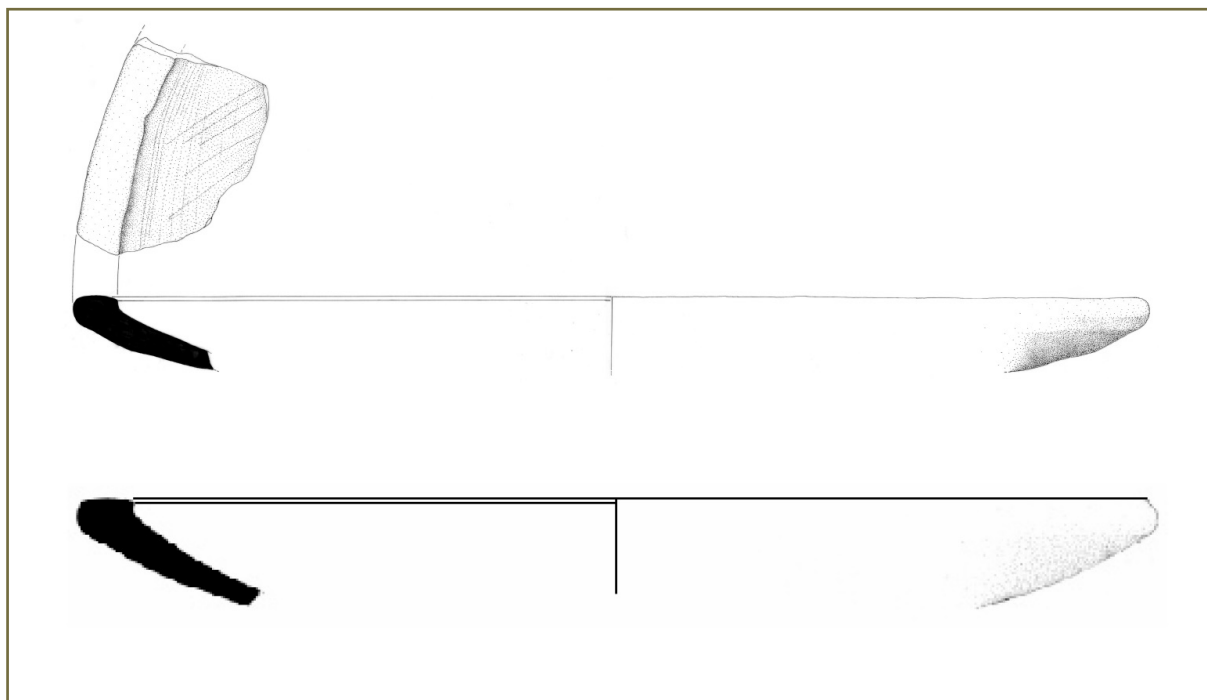


Fig. 10— 1, 2 - Pratos exumados no fosso 1/[066]

2.2.2 – Fosso 2 / [176] Complexo

A SE do fosso 1 e das fossas [043] e [045] foi identificada a estrutura designada por fosso 2/ [176], de traçado serpentiniforme e orientação NW-SE, longitudinal à área escavada (figs. 12 e 13). Esta estrutura apresentava dimensões, contornos e profundidades variáveis ao longo do seu percurso, com cerca de 2,60m de boca e 0,40m de limite de base com uma profundidade de 1,80m na zona de arranque do perfil NW, diminuindo progressivamente até ao seu limite visível no perfil E da área escavada. Nesta zona, com uma profundidade de 0,50m, o traçado marcava uma inflexão para SSE, cujos contornos, dimensões de base e colmatção foram adulterados por etapas construtivas posteriores (2.2.2.1).

Identificado ao longo de 18m de extensão, o fosso 2 apresentou uma secção em U, com as paredes/faces bem delimitadas.



Fig. 11– Plano do fosso 2/[176]



Fig.12 – Planta geral da sondagem 6.

2.2.2.1 – Fossa/Cisterna [177]

Em momento posterior à execução do fosso 2, na base do seu limite SE, foi aberta uma estrutura de contornos quase circulares, [177] com um diâmetro de 2,70m no topo superior e 1,80m na base, uma profundidade de 1,76m, de secção em paredes rectas e fundo ligeiramente côncavo.

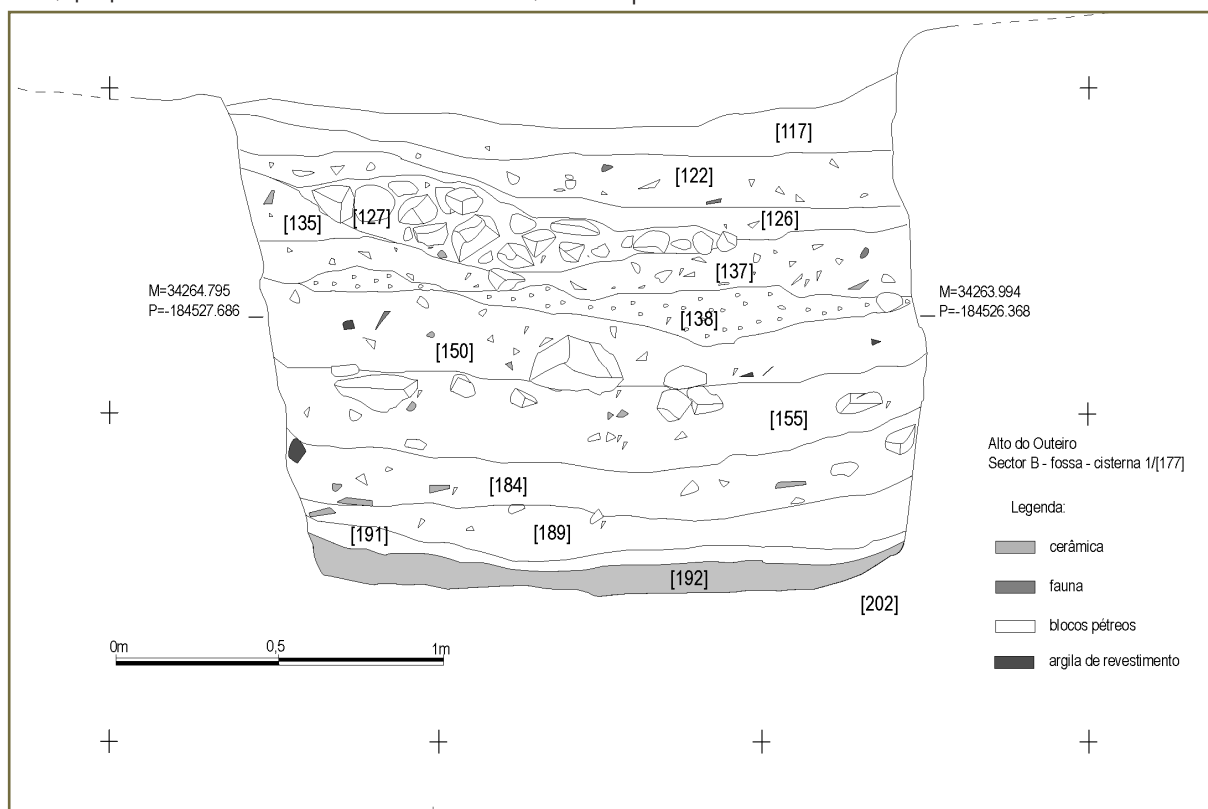
Esta estrutura, cuja funcionalidade foi conotada com uma fossa de contentorização de líquidos, tanque ou cisterna, correspondeu claramente a um momento de reconversão efectuado no fosso 2, no qual foram escavados e abertos novos interfaces. Observou-se o recuo [178] e rebaixamento parede NE [172] e a abertura de um divertículo [195] no próprio fosso, criando um sistema de canais de distintas direcções, S e E, desembocando na fossa cisterna [177].

Ao longo de toda a sua base foi identificada uma película de impermeabilização compacta de argila de revestimento [192], apresentando uma espessura variável entre os 5 e os 8 cm, que possivelmente deveria recobrir toda a fossa, dada

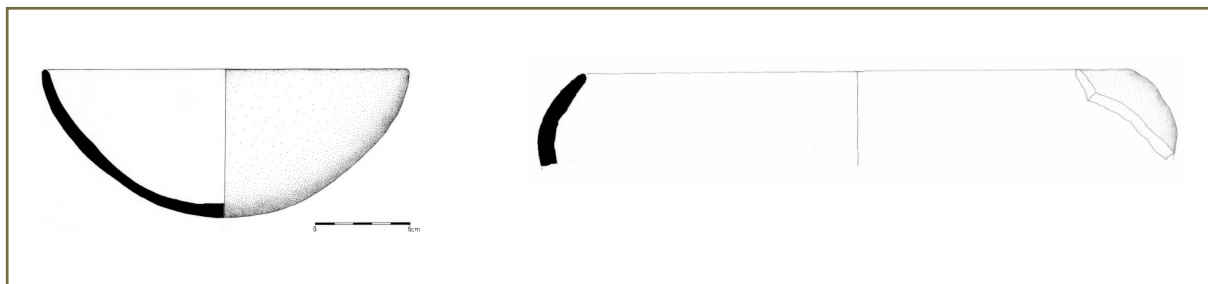


Figs. 13– fossa cisterna [177]

a natureza drenante do substrato de base local, de forma a reter e efectuar o armazenamento de águas no seu interior. A estratigrafia de preenchimento da cisterna revelou uma vasta sucessão de níveis sedimentares e materiais pétreos, de deposição regular até ao seu nível de colmatção, correspondendo à base do fosso 2 no limite NE.



Figs. 14– fossa cisterna [177]



Figs. 15– Materiais oriundos da fossa / cisterna. 1 – taça hemisférica; 2 – esférico.



Figs. 16– Estrutura [074]

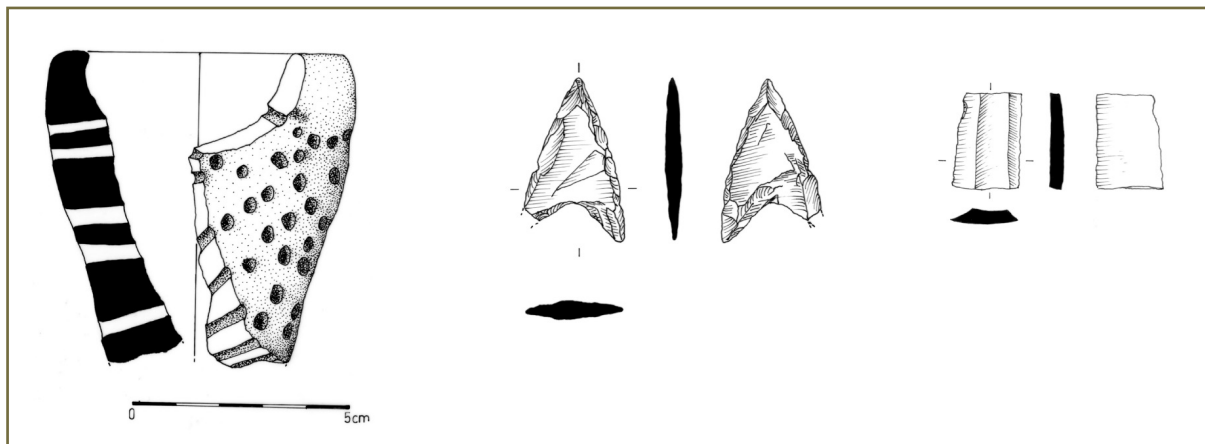
tos, argila de revestimento, derrubes pétreos e interfaces negativos, abertos nos sedimentos que iam preenchendo a estrutura, em particular nos depósitos de base.

2.2.3 – Fosso 2/ [176] - Depósitos finais de colmatação

Os depósitos finais de preenchimento do fosso 2, pelo contrário, observaram uma leitura regular, com destaque para a presença de materiais pétreos e restos construtivos em adobe. Estes depósitos, com forte presença destes materiais, que se caracterizavam pela sua compactação e teor argiloso e preenchiam os níveis finais de colmatação e extravasamento do fosso 2, foram interpretados como elementos associados a uma estrutura pétrea [074], localizada na zona central da área escavada, na borda SW do fosso, composta por uma fiada de blocos pétreos angulosos e elementos disformes de adobe. O espólio associado a estes contextos, revelou um predomínio das formas abertas, caracterizadas pelos pratos, de bordo simples e espessado, registando-se a presença de exemplares com decorações brunidas internas e pelas taças, com as habituais variantes de espessamento de bordo.

3 – Prospeção geomagnética

A realização de trabalhos de de prospecção geofísica⁶ da responsabilidade do dr. Martin Posselt, em finais de Outu-



Figs. 17–1 – Fragmento de queijera ou coador; 2 - ,ponta de seta de base côncava; 3 - fragmento de lâmina

O espólio exumado nos seus níveis de preenchimento recorreu as características já expostas anteriormente, marcada pelos restos de fauna e artefactos cerâmicos, que, num exame preliminar, com base numa análise tipológica efectuada sobre os fragmentos identificados, sem recurso ao desenho, demonstrou um domínio das formas abertas, pratos, taças e esféricos

Ao contrário da sucessão de depósitos de preenchimento do fosso 1, o fosso 2 revelou uma complexa sequência estratigráfica, marcada pelas distintas transformações e deposições muito irregulares, de composições diversas, sedimen-

bro e Novembro de 2005 procurou a definição de áreas de reserva arqueológica no quadro do plano de minimização e salvaguarda do local, complementando os contextos identificados no quadro da intervenção arqueológica⁷, a fim de reconhecer a amplitude e organização das estruturas e recintos do Alto do Outeiro.

Do conjunto dos dados obtidos, foi possível verificar, no sector A, da presença de anomalias de grande contraste magnético possivelmente conotadas com estruturas do tipo “fossa”, na sua maioria rondando 1m de diâmetro, articuladas em duas concentrações, centro-este e centro-oeste (Posselt,

6 - Prospeção geofísica por magnetómetro fluxgate Forster Ferex 4.032, da responsabilidade do Dr. Martin Posselt.

7 - Os resultados da imagem geomagnética, efectuados a posteriori, carecem de confrontação.

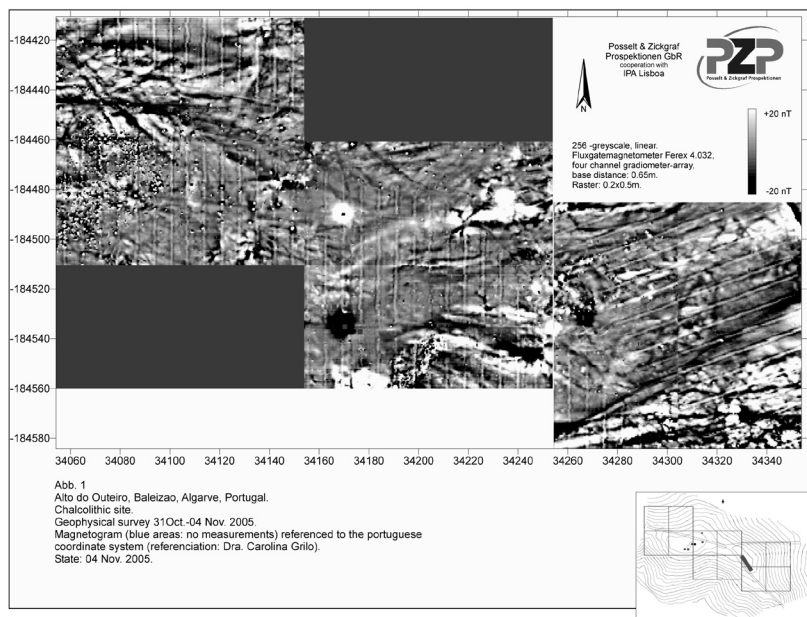


Fig.18 – Mapa de leitura geomagnética

2005). Esta última, alongava-se até ao limite oeste da plataforma, zona do actual monte, totalmente destruída pelo edifício e anexos agrícolas, onde a distorção causada pelos equipamentos e “lixo” agrícola não permitiu a sua completa definição. Ainda neste sector, foram identificadas anomalias cuja aparente relação com as concentrações de estruturas e com as recolhas de superfície, que combinadas com a sua aparente linearidade possibilitam uma (eventual) interpreta-

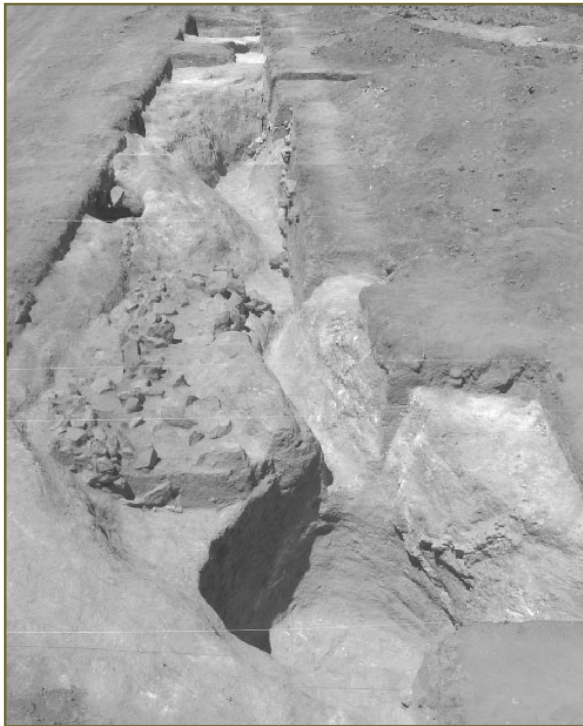


Fig. 19 - Vista geral da área escavada no sector B

ção com um sistema de fosso cercando as estruturas do topo da plataforma (Posselt, 2005).

No sector B, as anomalias produzidas pelas distintas composições do tecido rochoso e a sua consequente destruição e desagregação, observada em muitos casos á superfície do terreno, condicionaram sobremaneira a interpretação e a definição dos contornos de algumas das estruturas destacadas (casos do fosso 1 e do seu alinhamento e estruturação das fossas a este associadas [043]; [045]), apenas permitindo reconhecer o traçado do fosso 2 e a sua delimitação de contornos semi-rectangulares, que definiu um recinto com cerca de 20x18m (Posselt, 2005), destacando-se o traçado sinuoso que o mesmo apresentava na área escavada.

4 – Síntese interpretativa e contextualização cronológico-cultural

Dada a natureza fragmentária dos dados disponíveis, afigura-se complexo traçar um esboço sobre a organização espacial e as distintas estruturas observadas no Alto do Outeiro, salientando-se todavia alguns aspectos de realce.

A intervenção arqueológica aferiu a existência de duas linhas de fosso, documentadas no sector B, o fosso 1, cuja planta e comprimento foi impossível de determinar e o fosso 2, cujos dados de escavação, conjugados com as evidências geomagnéticas revelaram possuir uma planta semi-rectangular, com um comprimento de cerca de 20x18m.

A não identificação de outros segmentos do fosso 1 nas valas de rega efectuadas ao longo da plataforma poder-se-ia explicar pela extrema deterioração da rocha de base, que aflorava á superfície do terreno em diversos pontos da plataforma⁸, condicionando a prospecção geofísica ou por

8 - A heterogeneidade do tecido rochoso da área foi igualmente um factor de incorrecção e introdução de anomalias na análise das imagens geomagnéticas, dificultando a identificação de possíveis estruturas arqueológicas.

um possível traçado sinuoso do fosso 1, de profundidades e recortes variáveis, documentados no fosso 2 e em outros povoados e recintos de fossos (Calado, 2005).

Ainda assim, o seu reconhecimento quase paralelo ao fosso 2, permite também teorizar acerca do seu hipotético traçado, que poderia seguir contornos relativamente similares aos do fosso 2, revelando um clara planificação e articulação dos distintos espaços.

Paralelamente no sector A foi também identificado um possível sistema de fosso estruturando e agrupando a zona central da plataforma local.

No caso do Alto do Outeiro, a escassa profundidade e largura à superfície actual do tecido rochoso dos fossos 1 e 2 poderia funcionar como elemento constrangedor a uma interpretação defensiva, suportada pela inexistência de vestígios arqueológicos conotados com possíveis taludes de “terra”, paliçadas ou muralhas, que tem vindo a ser documentada em alguns locais peninsulares. Contudo, a escassez das áreas escavadas e o desconhecimento objectivo da planta dos mesmos, não permitem a inibição total de um possível cariz defensivo, porquanto os índices de profundidade e largura do próprio fosso 2 na área escavada evidenciavam alterações, que numa leitura global de todo o espaço delimitado não podemos rejeitar.

Por outro lado, o fosso 2 permitiu observar, após a sua abertura, um momento de remodelação e reestruturação com o recuo e escavação de interfaces negativos das suas paredes e base (casos da fossa/tanque e dos canais de derivação com esta relacionados) que parece indicar uma funcionalidade vocacionada para a captação e armazenamento de águas, implicando uma clara gestão de recursos hídricos.

As múltiplas funcionalidades dos fossos, por vezes relacionados com sistemas de drenagem de águas e aproveitamento dos recursos hidráulicos tem vindo a ser observadas em diversos locais do sudoeste peninsular e equacionadas a diferentes escalas de funcionamento e constituição dos próprios povoados, como em Marroquíes Bajos, Jaén (Zafra de la Torre, Hornos Mata, Castro López, 1999; Zafra de la Torre, Hornos Mata, Castro López, 2003), ou a título de hipótese no Porto Torrão, Ferreira do Alentejo (Valera, Filipe, 2004). A importância da administração destes recursos está igualmente atestada a nível de um possível funcionamento “doméstico”, em Alcalar, onde foram observados vestígios de fossas/tanque com sistemas de canalização de águas para armazenamento (Parreira, Morán, 2003).

Para além da presença de fossos, foram igualmente atestadas estruturas em positivo (vid.2.2.3) com utilização dos elementos pétreos locais e adobes, verificados ao nível da colmatação do fosso 2. O recurso aos adobes como elementos construtivos não é desconhecido no contexto da pré-história peninsular, encontrando-se atestado no Monte da Tumba (Soares e Silva, 1987) e no complexo de Marroquíes Bajos, Jaén (Zafra de la Torre, Hornos Mata, Castro López, 1999; Zafra de la Torre, Hornos Mata, Castro López, 2003).

Apesar de não ser ainda possível uma análise completa dos repertórios formais e das suas variações ao longo de todas

as áreas escavadas e sua integração final num faseamento cronológico preciso, devemos realçar que o tipo de conjuntos cerâmicos apresentados revela uma clara coerência, ainda que se destaquem algumas variações. A presença dos recipientes prato e taça possui evidências quer nos conjuntos das fossas da zona central do povoado quer nos contextos dos fossos 1 e 2, desde os níveis de preenchimento base dos mesmos, sem presença de decorações mamiladas, ao contrário do que sucede nas fossas do sector A. Será todavia no sector A que a presença de tipos cerâmicos como os vasos em saco ou os globulares revela maior expressão, assim como as taças carenadas e os fragmentos com aplicação plástica, que ocorrem aqui de forma quase exclusiva.

A presença destas formas poderá remeter a ocupação pré-histórica do Alto do Outeiro para um horizonte cronologicamente inscrito no Neolítico Final, ainda que a coexistência entre estas formas cerâmicas esteja também atestada em outros locais do sul de Portugal como nos povoados da Sala nº 1, ou na Mangancha, ambos localizados na Vidigueira (Gonçalves, 1987; Calado, 2001), onde ocorrem igualmente pesos de tear de distintos tipos, demonstrando uma coerência conjuntural nem sempre fácil de determinar (Gonçalves, 2003).

As formas dominantes revelam a preponderância dos recipientes tipo taça e os pratos, vulgarizados a todas as áreas escavadas, revelando os bordos almendrados e espessados, por vezes com presença de polimento superficial interno e com as superfícies externas mais toscas ou grosseiras, indicando a presença de um molde exterior, também identificado em alguns locais do Alentejo Central (Calado, 2001, p.90). O vasto conjunto de material cerâmico revela um profundo absentismo de elementos decorativos, característico do mundo calcolítico do sul de Portugal, correspondendo exclusivamente a aplicações plásticas do tipo mamilos, com distintos índices de alongamento, ocorrendo sobretudo em formas hemisféricas, onde sobressai um pendor sobretudo funcional e a polimentos e brunimentos muito ténues em alguns exemplares das formas tipo prato (exclusivas do espólio exumado no sector B), igualmente referenciados em locais como o Porto Torrão (Valera, Filipe, 2004), associados a contextos integrados no Calcolítico Pleno, ou no Monte da Tumba (Silva e Soares, 1987).

A representatividade dos repertórios formais parece assim traduzir um contexto cronológico da transição do IV/III milénio a.C., associada ao Neolítico Final/Calcolítico Inicial, prolongando-se ao longo do Calcolítico Pleno. Este horizonte cronológico é também delimitado pela ausência total de cerâmica campaniforme nos contextos escavados e na recolha de superfície georeferenciada, onde ocorrem as taças carenadas, as taças e algumas características mais arcaizantes, como o caso dos mamilos horizontais e uma forte percentagem de espessamento dos bordos nos recipientes do tipo prato.

Outros artefactos indicadores do impacto sócio-económico das actividades agro-pecuárias e de laborações secundárias foram também registados, destacando-se fragmentos de

queijeiras ou coadores, pesos de tear em placas rectangulares de duas e quatro perfurações, crescentes de secções circulares e semi-rectangulares, alguns objectos em osso como furadores e diversos fragmentos de moventes e dormentes. Estes últimos são também indicadores de uma actividade económica, inserida numa região de grande potencial agrícola, com um peso certamente considerável. Não foram contudo observados quaisquer indicadores associados à prática da metalurgia.

No que respeita ao seu enquadramento no povoamento local, o povoado do Alto do Outeiro localiza-se numa região onde a imagem do povoamento pré-histórico resulta necessariamente distorcida pela escassez de informação disponível, integrando contudo um território de características próprias, marcadas pelo seu enquadramento oro-hidrográfico e tipo de solos.

Trabalhos recentes e ainda em fase de estudo,⁹ têm destacado a diversidade de soluções e dos modelos de implantação para os momentos pré-históricos, revelando a densidade das redes de povoamento numa região pautada pelo elevado potencial agrícola, estremada pela Serra de Portel e suas cercanias que bordejam todo o limite norte e noroeste da peneplanície, recortada pelo vale do Guadiana e suas linhas de água secundárias.

Esta territorialidade destaca soluções diversas, aglutinadas em função de distintos eixos estruturantes do povoamento, onde estão patentes os povoados de fossos inseridos na linha da planície, controlando os seus terrenos férteis e as principais linhas de trânsito, espelhados a distintas escalas e dimensões denunciando ocupações em altura, nos casos do Alto do Outeiro e do Alto da Forca ou em patamares suaves como o Porto Torrão, em Ferreira do Alentejo, convivendo a uma escala micro-regional, com pequenos povoados abertos como o Monte das Marianas (Soares, 1992; 1998), na freguesia de Baleizão, de encostas suaves e sem condições naturais de defesa, por contraste a locais na suas imediações, estruturados em função de distintos eixos geográficos, como os Três Moinhos, localizado num esporão sobre o rio Guadiana (Soares, 1992) e as ribeiras de Terres e Cobres, que terão certamente desempenhado um papel dominante na organização populacional e na estruturação dos territórios.

Bibliografia

Arnaud, José Morais, (1983) - "O povoado calcolítico de Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): síntese das investigações realizadas", *Vipasca*, nº 2, Aljustrel, C.M.A., pp 51-61.
Boaventura, Rui, (2001) - "O sítio calcolítico do Pombal (Monforte). Uma recuperação possível de velhos e novos dados", *Trabalhos de Arqueologia*, 20, Lisboa, IPA.
Calado, M., (2001) - *Da Serra d'Ossa ao Guadiana. Um estudo de*

pré-história regional, *Trabalhos de Arqueologia*, 19, Lisboa, IPA.
Calado, M., Rocha, A., (2003) - *Relatório de escavação do povoado de Águas Frias*. Fundação da Universidade de Lisboa, Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, exemplar policopiado.

Cardoso, J., L. (1994) - *Leceia 1983-1993. Escavações do povoado fortificado pré-histórico*. Estudos Arqueológicos de Oeiras, Oeiras, CMO.

Díaz del Río, P. (2004) - Copper age ditched enclosures in Central Iberia. *Oxford Journal of Archaeology* 23(2). P. Blackwell Publishing. p.107-121.

Gonçalves, V. S. (1987) - O povoado pré-histórico da Sala n.º 1 (Pedrógão, Vidigueira): notas sobre a Campanha 1(88). *Portugalia*. Porto.Nova Série. 9-10, p. 47-60.

Gonçalves, V. S. (2003) - *Sítios, «Horizontes» e Artefactos. Leituras críticas de realidades perdidas*. 2.ª edição. Cascais: Câmara Municipal

Grilo, C., (2006) - *Intervenção arqueológica na Rua do Sembrano*. Relatório técnico dos trabalhos arqueológicos. (Relatório inédito).

Hurtado Pérez, V., (2003)- "Fosos y fortificaciones entre el Guadiana y el Guadalquivir en el III milénio AC: evidencias del registro arqueológico" *Recintos Murados da Pré-História recente*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Departamento de Ciências técnicas do Património, Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto, Porto-Coimbra, pp 241-268.

Lago, M., Duarte, C., Valera, A., Albergaria, J., Almeida, F., (1998) - "Povoado dos Perdígões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997". *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 1, nº1, Lisboa, pp 45-152.

Lopes, M.C. (1997) - *Prospecção arqueológica do sistema adutor de aproveitamento hidráulico do Enxoé*. (policopiado).

Lopes, M.C., Carvalho, P., Gomes, S. (1997) - *Arqueologia do Concelho de Serpa*. Câmara Municipal de Serpa.

Martín de la Cruz, J.C., (1985) - *Papa Uvas I*, Aljaraque, Huelva. Campañas de 1976 a 1979, EAE, 136, Madrid.

Martín de la Cruz, J.C., Lucena Martín, A. M., (2003) - Visiones y revisiones de Papa Uvas (Aljaraque, Huelva), *Recintos Murados da Pré-História recente*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Departamento de Ciências técnicas do Património, Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto, Porto-Coimbra, pp 285-306.

Morán, E.; Parreira, R., (2003) - O povoado calcolítico de Alcalar (Portimão) na paisagem cultural do Alvor no III milénio antes da nossa era, *Recintos Murados da Pré-História recente*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Departamento de Ciências técnicas do Património, Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto, Porto-Coimbra, pp 307-327.

Posselt, M., (2005) - *Alto do Outeiro, Baleizão, Beja*. Geophysics Survey preliminary report.

Silva, C.T., Soares, J., - "Contribuição para o conhecimento dos povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e do Algarve". *Setúbal Arqueológica*, II-III, Setúbal, MAEDS, pp 179-272.

Silva, C.T., Soares, J., (1987) - "O povoado fortificado calcolítico do

9 - Desenvolvidos no decorrer de acções no âmbito do empreendimento da rede de rega do Alqueva e da Carta Arqueológica do Concelho de Beja

Monte da Tumba. I – escavações de 1982-1986 (resultados preliminares)”. *Setúbal Arqueológica*, VIII, Setúbal, MAEDS, pp 29-79.

Soares, A. M., (1992) – “O povoado calcolítico dos Três Moinhos (Baleizão, concelho de Beja). Notícia preliminar” *Setúbal Arqueológica*, vols IX-X, Setúbal, MAEDS, pp 291-314.

Soares, A. M., (1998) – Uma inscrição em caracteres do sudoeste da Folha do Ranjão, Beja. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 1, nº2, Lisboa.

Valera, A., (2001) – “A ocupação pré-histórica do sítio do Mercador (Mourão): a campanha de 2000”. *Era – Arqueologia*, 3, Lisboa, Era-Arqueologia/Colibri, pp42-57.

Valera, A., Filipe, I. (2004) – O povoado de Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): novos dados e novas problemáticas no contexto da calcolitização do Sudoeste peninsular”. *Era-Arqueologia*, 6, Lisboa, Era-Arqueologia/Colibri, pp 29-61.

Zafra de la Torre, N., Hornos Mata, F., Castro López, M. (1999) – “Una macro-aldea en el origen del modo de vida campesino: Marroquíes Bajos (Jaén) c. 2500-2000 acl. ANE”. *Trabajos de Prehistoria*, 56, nº1, Madrid, pp 77-102.